

**TERAPIA: MU(N)DANÇAS**

*Claudio Fernandes – Recanto da Filosofia Clínica*

O que é uma terapia? Em linguagem cotidiana, se poderia dizer que algumas vezes é a esperança e a possibilidade que uma pessoa tem de mudar modos de viver ou de compreender o que vive. Mudar seria sair de um modo de estar atual para um outro futuro e diferente. Seria ir além de onde se está ou do que se é.

É constitutiva da ideia de mudança essa de alteração - *alter*-ação, pelo agir se tornar outro- ou de transformação - *trans-form*-ação, ato de ultrapassar o modo que se é ou que se está vivendo. Mesmo a pessoa que pretende que as condições atuais em que vive permaneçam como estão, está pedindo uma mudança: que a condição transitória a que se vê ameaçada se altere.

Numa primeira aproximação, formal, a mudança pressupõe ação e, portanto, um tempo transcorrido. Ela está entre dois momentos: um é aquele em que algo ainda não mudou; o outro, o momento posterior em que aquilo já mudou.

A mudança é isso que está entre, que pela ação transcorre, entre um estado anterior e o outro estado, posterior. Ao mudar de casa há um lugar do qual se muda e outro para o qual se mudará: a mudança é propriamente este intervalo entre uma casa e a outra.

Dando-se num tempo, a mudança tem uma certa duração, mas, é muito difícil representá-la de uma maneira geral. Para cada pessoa o tempo se dá de uma maneira muito singular: fugidio, instável, passa rápido, não passa, está sempre em movimento, cada hora é de um jeito, “flui constantemente”, estressante, tranquilo...

Numa analogia espacial, é possível representar o tempo para uma pessoa numa linha contínua em que a mudança poderia ser observada como o transcorrer de um ponto/momento inicial a ser contraposto a outro ponto em lugar diferente nessa linha do tempo. No caso da clínica, será possível observar, numa espécie de congelamento de momentos diferentes [na filosofia clínica, uma organização estrutural momentânea], uma sucessão de modos de si em diversos estados. Depois da mudança há algo que permanece do momento anterior na pessoa – nisso, é a “mesma” pessoa - e, há algo que muda, que não é mais, que até então fazia parte de si.

A mudança pode ser vista também como um modo de existir em transcorrência, que parte continuamente de modos de existir e que se dirige a outros modos de existir. A



mudança em uma pessoa pressupõe a existência de uma certa estabilidade de base, uma variância e um novo estado, em que ela não estará mais como estava. A mudança - como se argumentará – é parte constitutiva da natureza ou da essência do que se conceberá como humano.

Esta natureza mutante que faz parte disso que é a essência – *esse*= ser; *encia* = estado - humana da pessoa, daquilo que ela é, não nasce de uma circunstância, não é contingente, nem contextual, está em sua estrutura constitutiva – bebê, criança, adolescente, adulta, velha... É importante notar que a pessoa não existe antes como pessoa para então mudar. No próprio fato de ser uma pessoa ela já é mutante. Ser mutante quer dizer ser mutável como lugar e ser mutável como modo. A pessoa é de onde sai e para onde vai, e, mudar já se dá como um modo de estar que é constitutivo de si. A mudança não é um objeto da pessoa – não há essa relação sujeito-objeto - ela constitui a natureza da pessoa.

Ao mudar não é como quando a pessoa passa por uma barreira ou quando ultrapassa um desafio. Na mudança, como se entende aqui, a pessoa mesmo indo em direção às coisas do mundo, o que é mudado é ela própria, a pessoa. Ao mudar, é como se a pessoa, antes, viesse ao encontro daquilo que ela é, viesse ao encontro dela como ela mesma. Atenção: “como se”, uma vez que a mudança já é nela mesma, não há qualquer mediação.

Ao mudar e através da mudança a pessoa só pode distinguir e decidir, em meio a si, ainda que o faça através do “mundo”. Como ela existe como uma mesma pessoa, ela pode ter um comportamento com o si próprio (consigo mesma), mas quando faz isso, como ela é o si, já antes ultrapassou a si, mudou.

A pessoa é constitutivamente em movimento, se dá como disposição [mesmo quando está indisposta]; ela é propriamente como se encontra, um estado de ânimo. Os estados-de-ânimo da pessoa mudam, se invertem, se deterioram, mas “cada vez e sempre em um estado-de-ânimo...o seu estado-de-ânimo deixa manifesto “como alguém está e como anda” como lembra Heidegger em Ser e Tempo.

A pessoa, neste sentido, é uma transeunte de si para si. Mas faz esse trajeto através do “mundo”. Aquilo que do si é mudado numa pessoa, a cada vez, já está sempre previamente em mudança ao se dirigir ao mundo, ainda que esse ir em direção ao mundo faça parte dessa mudança. Ou mais concisamente: aquilo que em direção do que a pessoa muda é o que designa-se como “mundo”. O que muda não tem o si como horizonte, mas sim, o mundo, mas o que muda é o si.



A mudança se dá no mundo. Mundo, desta perspectiva, é como um ambiente da mudança. Mundo faz parte da mudança e mundo é um conceito mutante. Por mutante se está nomeando tudo que faz parte no que se concebe como mudança.

### **Mundo da pessoa, pessoa no mundo**

Na noção comum ou usual de mundo se pode perceber que ela é vaga e raramente é conceituada. Mundo não é esta ou aquela coisa, este ou aquele ente e também não é tudo reunido, como normalmente se toma, sem ter atenção. O mundo, como “aquilo que está”, não se formou por um processo de aglomeração, de junção, de soma de coisas. Mundo, como se está entendendo aqui, é mundo humano, é antes das coisas, antes do próprio ente: as coisas estão no mundo, o ente é no mundo. Aliás, ente se define precisamente como aquilo que é ou que está no mundo.

Mundo – repita-se - vem antes das coisas, dos entes, um mundo é um modo de ser de uma pessoa. E se é modo de ser de uma pessoa, esse “como” já determina a pessoa em sua totalidade. A pessoa é o mundo em que vive, vive no mundo e, vivendo, institui, forma o mundo. É como se a pessoa já ficasse determinada pelo modo como institui “o” mundo. Este modo desta pessoa é a possibilidade de mundo desta pessoa: é o seu limite e a sua medida. E esse modo é prévio, uma vez que esta pessoa se torna esta pessoa já “como” – deste modo, neste mundo. Esse “como” prévio está ligado à natureza humana da pessoa, à sua natureza, que é a de estar situada, estar aí, em contexto. Natureza humana à qual o mundo pertence, e que a ele – mundo - ela pertence. Mundo constituído pela pessoa e, que dele ela faz parte, ente que é, coisa no mundo.

Mundo se torna aquilo através do que a pessoa, como humanidade, se manifesta e se relaciona consigo mesma como pessoa. O mundo próprio se torna a referência para sua própria natureza. Ela é, ela está em seu mundo. Mundo não é a totalidade das coisas da natureza ou, ainda, a comunidade das pessoas. O mundo é a referência da pessoa – a pessoa é no mundo, está no mundo. A pessoa, como ser humano, está no mundo também como coisa ou ente e, pode, por isso, manter uma relação com essa coisa ou esse ente – ela mesma - em sua totalidade momentânea. Como nota Heidegger em “Essência do Fundamento” essa “totalidade é entendida sem que também o todo do ente revelado [ela mesma pessoa como ente] tenha sido captado ou mesmo exaustivamente investigado em suas conexões específicas, regiões e estratos”. E assim, para se compreender como ente,



como coisa no mundo, ela vai se precipitar e tomar o ente, a coisa no mundo sempre de um modo muito abrangente.

Compreender a si como ente, como coisa no mundo, como essa totalidade já é uma mudança com relação ao mundo, isto porque, ao tomar a si mesma como uma totalidade, a pessoa muda o mundo, uma vez que o mundo dado até então, já se faz agora de outro modo. Mundo não é ente, não é coisa. Como totalidade é o que a partir do qual a pessoa se dá a entender, para si própria e para os outros. A pessoa se dá a entender a partir de seu mundo. E isto permite a Heidegger, no mesmo texto, observar que “neste vir-ao-encontro-de si a partir do mundo o ser-aí [a pessoa] se temporaliza como um “mesmo”, isto é, como um ente que foi entregue a si mesmo para ser”...[e] é de modo tal que existe em-vista-de-si-mesmo”.

### **O mesmo ao mudar**

Quando se exerce a clínica, é possível colocar-se em uma posição “em recíproca” [e esta é uma das virtudes da filosofia clínica], buscando como que estar no lugar do outro, como que viver o mundo do outro, ver o mundo do outro a partir dele; pode-se aproximar do seu modo de ser, o seu modo muito singular de ser homem/mulher. A pessoa ao ir ao encontro de si a partir do mundo [vendo mundo, pode ver-se a si mesma, dar-se a oportunidade de auto-compreender-se] se coloca no tempo como um mesmo, como alguém que foi entregue a si próprio para viver, para ser.

“Mesmo” só dá para ser pensado no tempo, na história: exige um antes e um depois para, comparando, produzir a identidade de um mesmo. É sendo isso que ela é – como coisa, ente – que se caracteriza o seu poder-ser. Ela pode ser porque é: ela é essa disposição ou esse estado de ânimo. A pessoa é de tal modo que existe em-vista-de-si-mesma, mesmo nos casos mais extremos de negação de si. “Vê” a partir-de-si, como constituição, como ponto ou referência de olhar. E “si” para se constituir tem de ter um momento em que está constituído como um mesmo, como uma mesmidade. Mas não como “superação de si”, não há negatividade na constituição da mesmidade, do si mesmo.

Mudança não é, portanto, superação, é manutenção do si próprio em movimento, sendo no mundo, que se mesmifica contaminada pelo mundo que ela mesma constitui, contaminado por si. Não há negação de si que gere superação. Mudar não é superar.

Ao mudar o mundo, a pessoa como si mesmo, como “mesmidade”, antes se temporaliza, porque se não fosse assim a constituição de si mesma não se realizaria. E é por isso que o mundo se mostra como aquilo “em-vista-de-que” a pessoa existe. A pessoa



existe em vista do mundo, na medida em que ela é a mesma e, nessa medida há uma temporalização. Repita-se: mesmo pressupõe permanência e, ao mudar no mundo realiza uma condição de si própria que é (sendo no mundo) mudar. A vida da pessoa pode ser caracterizável como impermanência – como em parte do pensamento oriental - mas, para isso, é necessário pressupor que há algo que permanece – o que permite falar em “mesmo” – e algo que não permanece, que muda. Sendo o mesmo ainda que não permanecendo: mudado.

O mundo, nesse sentido de origem – “em vista-de-que” - é que primeiramente oferece a possibilidade interna para cada “em-vista-de-ti”, “em-vista-dele”, “em-vista-disso”, etc. As outras pessoas, as coisas, estão no “mundo” da/para a pessoa. E, talvez seja aqui – nesse “interno” – como característica quase que de referência de criação de mundo, que a clínica existencial seja possível. O “em-vista-de-que” a pessoa existe é ele mesmo a própria pessoa. E a essa “mesmidade” pertence o (seu) mundo. O mundo está essencialmente referido à pessoa, ser-humano. Para saber-se, saber de si, pressupõe o mundo.

A pessoa como pessoa é determinada por essa contínua constituição de si própria e, é por isso que um “eu-mesmo” pode se relacionar com um “tu-mesmo”. “Si mesmo” é o pressuposto para a possibilidade de se reconhecer a si como identidade – como “eu” - que aparece na relação com o outro. Mas identidade, pensada assim - como “eu”- não é o si próprio. O si próprio não está relacionado com o outro, porque só pode ser próprio ao se referir a si. “Eu e tu” é uma relação - dois “algos”- cuja natureza nada tem a ver com a mesmidade. No si não há “outro”.

Como se determina a referência da pessoa ao mundo? De novo: o mundo não é coisa, não é ente; o mundo já faz parte da pessoa. O conceito de mundo deve ser entendido como “subjetivo” [com muito cuidado ao se usar este termo].

Justamente por ser subjetivo não deve cair como uma coisa na esfera interna de um sujeito “subjetivo”. Como não é uma coisa, não é puramente objetivo, se entender-se “puramente objetivo” como “fazer parte dos objetos que são”. O mundo é criado, é posto pela pessoa diante dela mesma pessoa, enquanto a respectiva totalidade do “em-vista-de” dela mesma pessoa.

Mas para que a pessoa crie ou ponha esse mundo é como se estivesse fora de si, estivesse num outro lugar existencial. Criar-se, por-se, não em lugar de outro, mas um criar-se, um por-se em seu lugar, dando assim oportunidade a um outro aparecer.



Este por-diante-de-si-mesma “um” mundo é o projeto originário das possibilidades da pessoa. A pessoa, portanto, cria, projeta “o” mundo. Como este projetar é contínuo, é próprio a si, o artigo definido “o” na frase anterior, dificulta o entendimento, trazendo a possibilidade de se entender que o “mundo projetado” de uma pessoa seria comum a todas as pessoas, o que seria o mesmo que dizer que há “o” mundo e que a pessoa seria a projetadora dele. Melhor será expressar, aqui neste texto, de um modo um pouco incomum, mas que aproximaria do sentido que se busca: a pessoa projeta mundo.

### **Projeto, projetar**

A pessoa ao projetar mundo ao mesmo tempo é projetante e é ente/coisa nesse mundo projetado. Para se compreender que a pessoa está em meio ao ente que ela é, é necessário notar que ela se comporta frente a esse ente que ela é. Ao projetar mundo é como se ela sempre estivesse partindo do ente para o ente, de si para si, sem deixar de estar no ente, que afinal ela é. De um si, para “outro” si. É nessa identificação desses dois momentos de si, num só, que se cria a possibilidade do si mesmo. Se o ente fosse externo à pessoa, a pessoa faria o transito daquilo que está posto – faria o trans-porte – para aquilo outro em que será posto: do de-posto ao pós-posto. Entre o “de-posto” e o “pós-posto” há algo, isso que se está nomeando como “projeto”, isto que é “pro-posto”.

Como a pessoa projetante também é ente não há “pós”posto porque ao ser posta, ela já é posta (não há um “de-fois”), o que quer dizer que já é novamente de-posta e pró-posta. Mais precisamente, defronta-se aqui, novamente, com isto que faz parte essencialmente - sem o que ela não é - da pessoa, que é a dis-posição – estar dis-posta. Quando se diz que a pessoa muda, está se pressupondo que ela cria, forma mundo, na essência do seu ser. De um mundo formado antes da mudança a outro mundo formado depois, mudado. Dis-posição de projetar mundo, mudar.

O projetar é criar mundo, é a origem desse acontecimento que está se nomeando mundo. Ele não é derivado de nada, o que é próprio a este agir, a este acontecer é o “para o”, esse movimento para adiante. É uma pulsão, como em Freud e como em Heidegger de “Conceitos Fundamentais da Metafísica”. No projetar este acontecimento do projeto - mundo – o que se leva é, de certa maneira, o si, o “de onde” do projetante para “outro lugar”.

O “si” é levado para o cerne do mundo – o projetado - mas aí não se perde, não é largado. No ser levado pelo projeto acontece justamente uma virada peculiar do



projetante, de si para si. A pessoa muda. Esta mudança, esse levar adiante é inerente ao projetar.

De uma outra perspectiva, mudar é suspender possíveis: antes de mudar todas as possibilidades estão dadas. Mudar, nesse sentido é possibilitar um possível, como que tornar um possível real. E neste sentido, neste momento, suspende possíveis. No entanto, realizada uma possibilidade, através da ação projetante, tem-se como consequência um aumento das possibilidades possíveis, uma espécie ampliação da ação possibilitadora. Mudar cria possibilidades diferentes, isto é, novas ou outras possibilidades até então não possibilitadas à ação projetante. O que é projetado no projeto – mundo - impele muito mais para o possível real, isto é, para a mudança. Projetar é fazer a ligação não ao possível e não ao real, mas a aquilo que sendo possível na realidade pode tornar a realidade possível. Mudar é mudar (no) mundo. Instituir mundo.

Normalmente pensa-se que o possível se torna mais possível quando as situações não estão determinadas, quando parece que tudo é possível. A ausência de definições, de decisões, de escolhas se confunde com a de liberdade. Mas, as possibilidades aumentam – como os possíveis que se tornam possíveis - através da limitação. Toda e qualquer possibilidade traz consigo, em si, os seus limites, o limite daquilo que é o possível: se não fosse assim, não seria “possibilidade”, seria como uma certeza de ser. Possibilidade pode ser entendida como uma expansão, que se dá numa “totalidade”, totalidade essa em que se entra em relação, cada vez que se assume uma atitude, que decide alguma coisa.

Este é um acontecimento próprio e exclusivo do projetar, uma vez que em seu “exercício” coloca em suspenso esse em direção ao possível que é constitutivo da pessoa. O acontecimento do projetar é expansível até a esse todo que é o mundo projetado, e nesse movimento ele o retém diante de si. E é por isso que o projeto é, em si, integrador, no sentido de que ele forma antecipadamente uma totalidade em cujo âmbito está contida uma dimensão determinada de realizações possíveis. Todo projeto suspende o “em direção ao possível” e, simultaneamente, traz de volta para a amplitude, agora estendida, daquilo que é possibilitado por ele.

Aquilo que acima chamou-se de disposição da pessoa, de ser-dis-posta, não é só o estar aberta para algo, nem mesmo para o possível mesmo, ou para o real. Não basta a alguém constatar as possibilidades e se saber capaz de realizar, uma vez que uma possibilidade só se realiza ao se fazer uma ligação com ela.

A possibilidade é como se fosse um rascunho da realidade, mas, nem uma nem a outra são o objeto do projeto. O projeto não possui qualquer objeto, ele é um abrir-se ao





possível. E é nessa abertura que liga o possível e o real, faz acontecer. Cria o acontecimento, cria mundo, possibilita o diferente. O projetar ao mesmo tempo que suspende possibilidades, realiza possibilidades, de ser assim ou assado, assim ou de outro modo, ser ou não ser, isto ou aquilo.

Caso se pudesse observar o modo de projetar de uma pessoa, se poderia vê-la como um todo. Um todo que estará sempre condicionado às circunstâncias por ela vivida. Mas essa ligação com as circunstâncias não tira o caráter de totalidade, que reúne, entrelaça os caracteres singulares dessa pessoa. O projeto realiza o que poderia ser tomado como o ser dessa pessoa, desse ente, a cada vez, num processo ininterrupto, ainda que finito.

O projeto por essa característica de agrupador de peculiaridades, vem antes, é anterior ao que possa definir uma pessoa, em sua singularidade. Em termos rigorosos e precisos: no instante em que se observa alguém, e se busca uma definição, esse alguém, como estará em outro instante, já mudou em algum aspecto, provavelmente imperceptível ao observador.

No projeto o mundo se realiza, entra em vigência. O projeto como acontecimento, suspende possibilidades e lança para adiante - pro-jeta - separando e ligando as possibilidades novamente. Ao determinar restringe, separa, mas por criar mundo cria possibilidades, liga-as novamente em nova dimensão. Daí porque mundo é onde as possibilidades estão abertas à pessoa. Daí porque mudar é sempre uma possibilidade.

### **O enquanto**

As possibilidades não se apresentam como se fossem numa sequência onde primeiro tem-se algo e depois ainda algo e assim por diante. As possibilidades são dadas “enquanto”. Esse “enquanto” se dá na passagem do que se chamou de si próprio, ao – outro - si próprio, se dá no “momento” da vigência, da realização do projeto, em que o mundo é mundo. E mundo é sempre mundo projetado e projetante. No mundo se projeta mundo. Algo se oferece como possibilidade quando se está no mundo, projetando, “mundando”, em “transito”, no “enquanto”. A vida, como possibilidade se dá “enquanto”.

No “enquanto mundo” se dá o acontecimento do projeto formando mundo; restringindo possibilidades se dá algo que se abre para possibilidades e irrompe na vigência do mundo. Essa vigência de mundo é o que se poderia tomar como o “real”, a “realidade”. E essa é a experiência de si próprio como irrupção, como sendo em meio ao que agora pode ser aberto, enquanto pessoa no mundo, enquanto ente. O ente a que se





chamou de pessoa, é o ente de um gênero originariamente próprio, um ente que irrompe para ser. Deste ente – pessoa – diz-se que existe, diz-se que é em sua essência um movimento para fora de si mesma, sem, porém, abandonar a si. A pessoa, em sua mais funda essência, como ser vivo, como ser em irrupção. A morte não é uma interrupção, mas o cancelamento definitivo da irrupção.

A mudança do que se chamou de “si próprio” em direção ao “si próprio diferente”, repostado ou deposto, pressupõe a irrupção. Na irrupção já está o “projeto” do que se está chamando de “si próprio diferente”. A irrupção não é um determinado “querer” ou “desejo”: é aquilo que dá a possibilidade da mudança de (um) “si próprio” para o “si próprio diferente”. Essa mudança não resulta de um esforço, mas, da irrupção. E o que está na base dessa irrupção é uma qualidade: a liberdade.

Liberdade, aqui, não é uma característica da pessoa mas, é o que está na base, na constituição do projetar, do instituir mundo. Não está ligada a qualquer entidade, substância ou subjetividade. Liberdade é o nome desta qualidade que dá condição de estar no mundo mudando. Mudar não é um mudar-para, que em sua base teria um valor em si maior ou melhor, que de algum modo condicionaria o estado atual para mudar. Mudar é condição de si, e assim, possibilidade de mudar.

E aqui um sentido profundo da clínica: a presença do terapeuta pode lembrar à pessoa a condição do cuidado de si, que pode ser – vir-a-ser - responsável por si. Um si que tem essa qualidade inerente de ser livre para projetar, instituir mundo, acontecer como mundo. Ex-sistente no interior do possível, pode mudar.